

Gravemente ferido, o caçador  
sobrevivera às dores insuportáveis,  
mas agora um puma o fixava friamente.

# *Odisséia na montanha selvagem*

SARA JAMESON





**O**SOM penetrante do disparo de um rifle rasgou a quietude da madrugada na remota zona selvagem de Selway-Bitterroot, no Leste do Idaho. Com o coração trespassado pela bala, um grande alce se abateu.

Paul Daffer, de 36 anos, maquinista ferroviário da Union Pacific Railroad, ficou feliz por ter finalmente conseguido uma presa dessas no último dia das duas semanas daquela sua caçada. Eviscerou rapidamente o animal e escondeu depois a carcaça com arbustos, para protegê-la de predadores. Voltaria no dia seguinte para cortá-la e levar a carne para o acampamento.

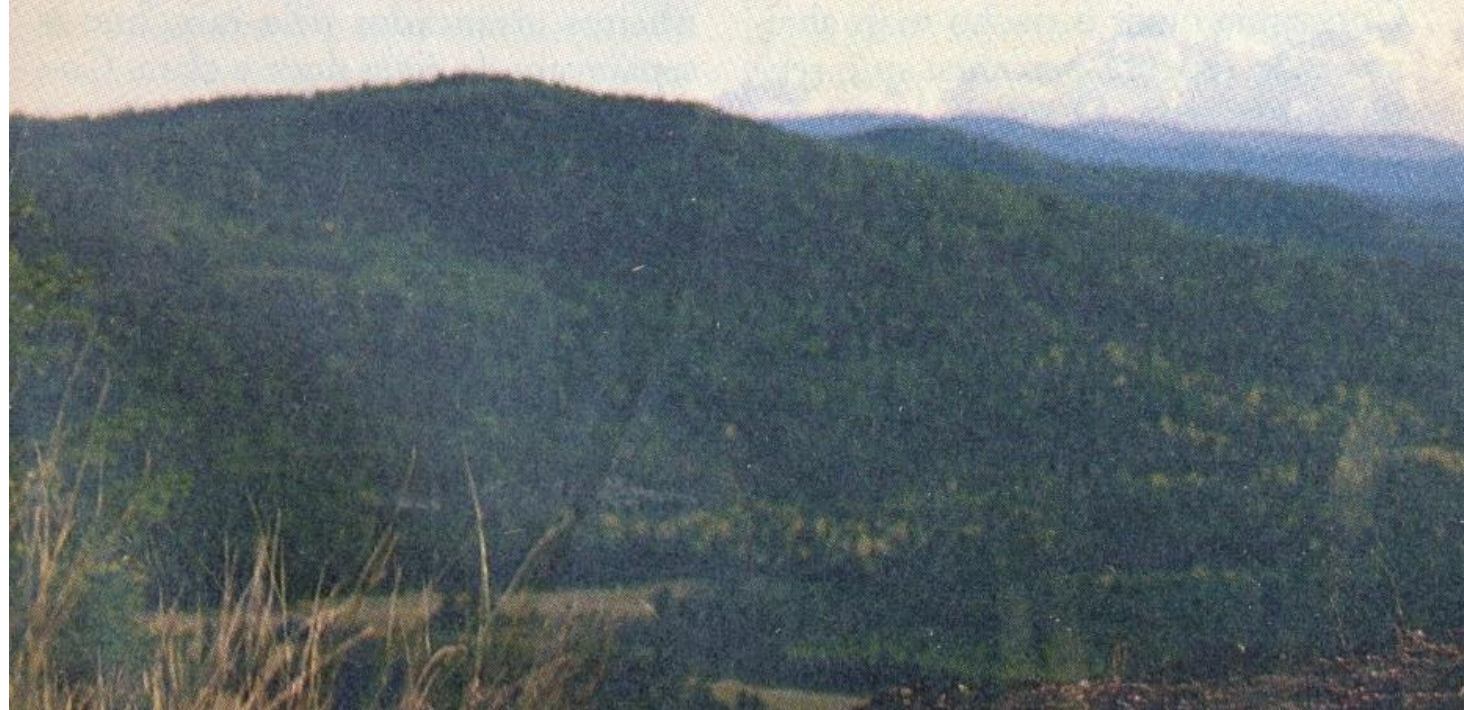
Por volta das 8 daquela manhã clara, dia 24 de setembro de 1993, Paul iniciou o caminho de regresso à sua base, a 8 km dali, através das montanhas. Uma vez chegado, iria recolher o equipamento, colocá-lo em seu cavalo de carga, o Okie, e levá-lo para seu caminhão de caçamba.

Bom corredor e esquiador em excelente forma, Paul fez o percurso sem dificuldades, chegando ao acam-

pamento por volta das 9.30. Ao ver suas calças manchadas de sangue, o cavalo resfolegou. «Não é nada, Okie», comentou Paul, começando a desmontar a tenda e a arrumar seus pertences. Calculava que aquele dia não iria ser muito complicado. Após 24 km através de bosques, vários riachos e alguns picos montanhosos, chegaria ao seu Chevy Blazer antes do escurecer.

Montou então em Okie e iniciou o trajeto. Seu pensamento voltou-se para o pai, Charles Daffer, que àquela hora estaria em casa, em La Grande, no Oregon. Desde que começara a andar, caçava com o pai, também ele funcionário da Union Pacific. Fora com ele que Paul aprendera a conhecer a natureza e a sobreviver em regiões selvagens.

Os raios quentes do Sol passavam através da ramagem, e ele se sentia eufórico. «Melhor que isso é impossível!», pensou, enquanto Okie seguia ágil pelos bosques. Mas, subitamente, sem qualquer aviso, o animal disparou na direção de um barranco de declive acentuado que





acabava num riacho. Apenas duas coisas o poderiam ter assustado daquela maneira: um urso ou um puma.

Paul puxou as rédeas, mas Okie galopava cada vez mais depressa através do arvoredado, saltando sobre os troncos caídos e tropeçando nas tocas dos esquilos terrestres. Os galhos aguçados de pinheiro nórdico chicoteavam o corpo do caçador. Okie arquejava fortemente, espumando da boca, completamente descontrolado, e ia em direção àquela descida que só acabava no rio. «Saltar!», comandou o espírito de Paul, mas já era tarde.

O cavalo tropeçou e o caçador foi cuspidado, batendo com a cabeça e o ombro direito num tronco.

Atordoadado, sentiu ondas de náuseas percorrerem-lhe o corpo, além de ondas de dor. Verificou, horrorizado, que o sangue que lhe saía pela boca era rosado, o que significava provir dos pulmões. «Oh, meu Deus», pensou, tentando não perder os sentidos. «Acho que não vou sobreviver.»

Mas aos poucos foi-se sentindo mais lúcido e as náuseas passaram. Conseguia ouvir o riacho mais abaixo, e de repente percebeu que sentia muita sede. O sabor do sangue misturado com bÍlis e lama que tinha na boca era terrível.

Ao se mexer, sentiu o braço direito ser trespassado por uma dor aguda, e as extremidades de sua clavícula partida estalaram. «O braço está inutilizado», compreendeu. Lentamente, com a ajuda da mão esquerda, conseguiu se sentar, mas, segundos depois, caía no chão cheio de

pedras, fazendo que suas costelas, igualmente fraturadas, lhe provocassem nova e terrível agonia.

— Okie! Okie — chamou, na esperança de que o cavalo se encontrasse ali perto e ele pudesse se içar, agarrando-se às rédeas, mas o animal desaparecera. «Não adianta», percebeu Paul, sem forças. «Vou ter de chegar àquele rio sozinho.»

Apoiado na mão esquerda, rodou as pernas até estas apontarem para o fundo da encosta. Mas no preciso instante em que se preparava para descer deslizando até o rio, começou a tossir e cuspiu sangue. Cada vez que tossia, vinham-lhe novos acessos de dor. Quando aquilo passou, ele começou a deslizar devagarinho pelo declive acentuado. Ao longo de seus vários anos de atletismo, aprendera a bloquear a dor e a manter o ritmo. «É só um estado de espírito», recordou. «Concentre-se, que você consegue.»

Ao cabo de duas horas de uma descida lenta e dolorosa, ele já via o pequeno rio reluzente perto dali, mas na margem havia quatro pinheiros arrancados pela raiz, que o separavam da água doce e clara. Colocando o braço esquerdo sobre o tronco da primeira árvore, ele o galgou, caindo do outro lado. Esforçando-se mais ainda, conseguiu fazer o mesmo com o segundo. Mas, ao vencer o terceiro, viu, tarde demais, uma pedra pontuda do outro lado, sobre a qual caiu.

O quarto tronco estava na diagonal, em cunha com os outros e preso neles. Retesando os músculos to-



dos, Paul agarrou a ponta de um galho. Lentamente, levantou-se, mas o ramo quebrou e Paul foi novamente ao chão. Tossindo sangue e arfando, manteve-se ali deitado, agonizante. «É isso», pensou. «Não vou conseguir continuar. Não dá.»

Fechando os olhos, voltou então ao dia em que, com 12 anos, resolvera à última hora participar em La Grande de uma corrida, apesar de nunca ter corrido a milha em competições. De calças *jeans* e botas de tênis, esforçou-se até o limite. Ignorou a dor que lhe dilacerava o peito e continuou correndo sem parar. Foi o vencedor. Ainda se lembrava do orgulho estampado no rosto do pai ao ver a fita azul da premiação. A partir de então, começara a participar de competições, sempre com os pais o apoiando e exibindo orgulhosos suas muitas medalhas. Eles sabiam que o filho não abdicava.

«Não, não posso desistir agora, com a linha de chegada tão perto», disse então para si. Conseguindo sentar-se, esticou o braço o máximo que conseguia. Segurou então um galho e impeliu o corpo na direção do tronco. Depois, dobrando-se sobre o mesmo, tombou sobre a terra molhada da margem do rio. Ao dobrar-se para beber sua água gelada, reparou que esta ficava avermelhada com o sangue que lhe corria da boca e se perdia.

Tentando dominar o terror que sentia, recordou-se de uma coisa que o pai lhe dissera: «Estar numa zona selvagem é como estar numa igreja: é onde me sinto mais próximo

de Deus. Dá-me força e coragem.» E Paul rezou por ter forças para prosseguir.

Começando a sentir frio, começou a delinear um plano. «Tenho de chegar ao meu telefone celular que está no caminhão e pedir ajuda», pensou. «É minha única chance.» Antes, porém, teria de virar para o outro lado, tornar a subir a encosta, afastando-se da umidade gelada do rio, e encontrar um local para passar a noite.

E lá se foi ele, lutando novamente contra os troncos das árvores. Depois, em posição sentada, foi subindo a encosta centímetro a centímetro. Ensopadas de sangue, suor e lama, a camiseta e as finas calças de camuflagem eram parca proteção contra o frio da noite.

Paul começou então a tremer incontrolavelmente. Caindo sob um pinheiro, partiu alguns galhos com a mão esquerda e os dispôs como proteção contra o frio.

Ao longo da noite, foi atormentado pela dor, pelo frio cortante e pela tosse, com a qual continuava a regurgitar sangue. Ao amanhecer, levantou-se, mas, pouco depois, as pernas cederam, e ele caiu mais uma vez. «Fique calmo», repetia ainda deitado, como que em transe. «Não entre em pânico. Você é capaz.» Por fim, reunindo forças, conseguiu pôr-se de pé e ficar assim.

Poucas semanas antes, ele corria 1500 m em pouco mais de 4 minutos. Agora, progredia de forma lenta e agonizante. A cada 100 m que avançava, caía e tossia mais sangue.



Ao meio-dia, atingiu a margem de um regato profundo, cuja água corria veloz. Com os ossos fraturados cobrando seu imposto, baixou-se para beber, mas escorregou e caiu sem querer na água gélida. Conseguiu ficar de novo em pé e voltou à margem, trêmulo de frio.

Usando o sol do meio-dia como bússola, manteve o rumo sudoeste, dirigindo-se para o centro daquela região selvagem. As recordações do pai e da mãe comunicaram-lhe a coragem necessária para continuar a avançar toda a tarde. Mas quando o Sol desapareceu por trás de um morro, ele ainda estava a quilômetros do caminhão. Conseguiria sobreviver a mais uma noite num lugar daquelas? «Papai me diria que não me resta outra alternativa senão tentar», pensou consigo.

Chegando a uma pedra de superfície lisa em meio a abetos, sentou-se, partiu uns galhos que tinha à mão e empilhou-os por cima de seu corpo ainda úmido, tentando em vão manter-se aquecido sob o gélido ar da noite.

Foi então que, pelo canto do olho, percebeu um pequeno movimento à luz do luar. Voltando a cabeça, tentou focar os olhos nos arbustos. Nada. «Devo estar com alucinações», concluiu. A seguir, ouviu um leve ruído e, de repente, por trás de um pinheiro, a 7 m de distância, viu uma grande cabeça de orelhas peludas eriçando-se para a frente. «Um puma!», percebeu Paul, paralisando de medo.

O corpo musculoso do animal,

com cerca de 1,20 m de comprimento e 70 kg de peso, aparecia agora visível em sua totalidade. Aos poucos, o animal foi-se aproximando, mantendo o silêncio, apesar de suas patas enormes, até que se deteve, observando intencionalmente o amontoado de galhos que escondia Paul. Ao sentir no ar o odor do sangue, seus bigodes se retesaram. Eram o cheiro do sangue de Paul e do alce, que lhe tinha manchado as calças. «Cheiro de jantar!», percebeu Paul, apavorado. Lembrou-se então de ter ouvido falar recentemente de um caçador atacado por um puma.

Agachando-se, o animal começou a inspirar mais rapidamente, ouvindo-se um ligeiro «ffff». Estava cada vez mais próximo. Em pânico, Paul viu-o cheirar os galhos que lhe cobriam os pés. «É agora», disse para si mesmo. Sentindo um aperto no peito, cerrou os punhos. «Não entre em pânico», ordenou-se. «Agüente firme.»

Cautelosamente, o animal continuou a se aproximar, seus olhos amarelos e brilhantes reluzindo ao luar, e então fixou o rosto de Paul. O infeliz caçador não desviou o olhar, sussurrando então, após reunir toda a sua coragem: «Não vai me apanhar não, seu filho da mãe.»

O felino, assustado, deteve-se, abrindo mais os olhos e movendo as orelhas mais para trás. Após mais uma longa mirada sobre a possível vítima, mostrou os dentes cerrados e rosnou com um som profundo, rouco e ameaçador. Paul viu então as patas posteriores do animal retesarem-se. O ataque estava iminente e



o caçador preparou-se. Passaram-se alguns segundos, um minuto, depois outro. Paul mal respirava. Então, lentamente, o animal se virou e desapareceu na escuridão.

Dominado pelo terror, Paul manteve a guarda o resto da noite, mas o puma não voltou. Ao primeiro raiar da aurora, ele afastou os galhos. Ao levantar-se para continuar a caminhada, seu corpo foi trespassado por explosões de dor, mas Paul se obrigou a subir uma encosta: do outro lado do morro estava o caminhão.

Por horas e horas, continuou a arrastar o corpo dilacerado a cive acima. Muitas vezes, durante uma corrida, tivera de ir ao fundo de sua alma buscar forças para continuar. «É é isso que te-

rei de fazer agora se quiser cruzar esta linha de chegada», pensou.

Por volta das 15 horas do terceiro dia após o acidente, ele chegou ao alto do morro e começou a descer. Seus pés escorregaram na pedra solta, e ele deslizou quase 30 m encosta abaixo, batendo numa pedra. Quando tentou se levantar, as pernas não reagiram. «Nada vai me deter», gritou furioso, após cair pela terceira vez. «*Vou* descer este morro.»

Desesperado, começou a rezar, acabando por sentir lentamente um acesso de energia. Pôs-se então novamente em pé.

Por fim, chegou à estrada de areia e ao caminhão. Escondidas debaixo do pára-choque traseiro, localizou as chaves e abriu a porta do motorista. Retirou então do banco duas latas de chá e bebeu-as todas.

Olhando-se no espelho retrovisor, o rapaz viu que tinha um olho negro e inchado. O outro escondia-se por trás de um pedaço de carne ensangüentada. Além disso, tinha o rosto ferido e desfigurado de forma grotesca. «Serei eu? Não é possível», pensou. Quando, hesitante, tocou na pele levantada do pescoço, esta estalou de forma alarmante, como o invólucro plástico de goma de mascar.

Procurando sob o banco, suas mãos tocaram no telefone ce-

lular. Com os dedos trêmulos, discou o número nacional de socorro, mas como resposta obteve apenas um ruído de estática. Provavelmente, o sinal tinha sido bloqueado pelas montanhas.

Já estava anoitecendo. Arrastando-se até o lugar do motorista, meteu a chave na ignição com a mão esquerda e pôs o motor para trabalhar. Depois, calcou o acelerador e saiu pela estrada de areia, estreita e sinuosa, manobrando com a mão esquerda. Cada vez que o caminhão passava em cima de uma pedra ou caía num buraco, o impacto fazia-o



*Paul Daffer.*



sentir as costelas quebradas. A dor e a fadiga turvavam-lhe a vista no olho que ainda funcionava, mas Paul não desistiu.

Por volta das 20.20, viu uma casa de rancho, cujas janelas iluminadas lhe chamaram a atenção. «Aqui estarei em segurança», pensou ele, entrando pelo jardim. «Os donos vão me ajudar.»

A porta se abriu e apareceu um homem, vindo a seu encontro. Quase caindo para fora do caminhão, Paul cambaleou na escuridão em direção a ele.

— Estou ferido — disse com voz sumida.

— Entre — respondeu o dono da casa, Dan Smith, ajudando-o a caminhar até a cozinha.

Ao cair numa cadeira da mesa da cozinha, Paul sentiu-se invadir por uma onda de alívio. Piney Smith, mulher de Dan, chamou uma ambulância. «Não sou um derrotado», disse Paul para si mesmo. «Cruzei finalmente a linha de chegada.»

Depois, foi transportado 75 km até um hospital em Grangeville, de onde voou para o Centro Médico Regional Santo Alfonso, em Boise. Ali, os médicos livraram-no da mistura de sangue e ar que tinha na caixa torácica, tratando-o igualmente das outras lesões. Sua clavícula direita estava em pedaços que quase lhe perfuravam a carne, enquanto um fragmento das costelas lhe penetrara pela pleura (o envoltório dos pulmões que preenche o interior do tórax). O impacto da queda moera a maioria de suas costelas, perfurando-lhe os pulmões.

A primeira vez que Paul soube que iria sobreviver foi quando, ao abrir os olhos certa manhã, viu Charles Daffer à cabeceira de sua cama no hospital. «Pai», disse com um sorriso exangue. «Devia ter visto aquele alce. Era uma beleza!»

O rosto do idoso senhor se iluminou com um sorriso. Nesse momento, também ele soube que o filho sobreviveria.

FOTOS: PÁGINAS 32 E 33, © DE JOE McDONALD/ANIMALS ANIMALS; PÁGINA 37, © DE PHIL BULLOCK

---

## **Definições definitivas**

MOLHO de *chili*: *ketchup* com personalidade. — Len Wein e William Rotsler

PORTA: objeto em relação ao qual o cachorro está sempre do lado errado. — Ogden Nash

VICIADO em trabalho: alguém cuja distração preferida é a segunda-feira de manhã. — Gil Stern, em *National Enquirer*

QUARTETO: onde todos os quatro pensam que os outros três não sabem cantar. — Felice Kulla, EUA